

DA LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE AMOR EM CLARICE LISPECTOR

Karina Bersan Rocha
(Letras - UFES)

Viver ultrapassa todo entendimento.

C. L.

O estudo da escritura de Clarice Lispector oferece uma enorme gama de possibilidades de abordagem. No entanto, o questionamento acerca da essência dos seres é uma constante que chama a atenção no conjunto dessa obra, que o efetiva como questionamento na linguagem:

*"Para todos os personagens dessa história e para todos nós, a grande tarefa é o reencontro da essência perdida, a conquista da integridade, a realização da totalidade. A tarefa é o espírito."
(LISPECTOR, DM 1992: 411)*

Essa busca da essência dá-se numa dimensão ontológica, de busca do sentido do Ser, que pode remeter às concepções da Fenomenologia de Martin Heidegger, para quem a nomeação é idêntica à preservação do Ser, e é na linguagem que o Ser dá-se a conhecer. A distinção entre ôntico e ontológico, apresentada por este autor, permite uma melhor compreensão da problemática aqui apresentada. Para Heidegger, há a coisa-em-si, o ente, que tem estrutura, identidade e essência próprias. Aos entes em sua existência própria diz respeito a palavra ôntico; ontológico diz respeito aos entes tomados como objetos de conhecimento, à tentativa de conhecer a essência dos entes. (cf. CHAÚÍ, 1994: 238-9)

Embora a influência da Fenomenologia seja tema já abordado, bem como a leitura existencialista da obra de Clarice, realizada principalmente por Benedito Nunes, e outras, apresentadas por Olga de Sá, a eleição do conto (?) "*O ovo e a galinha*" como corpus literário instiga essa pesquisa, assim como a de uma similitude entre a linguagem literária e o mito, de que encontramos referências presentes na obra, e da própria escritura, que se dá na linguagem e sobre a linguagem. Outros textos da autora serão referenciados, na forma de acréscimo a essa discussão.

A escritura de Clarice Lispector, como assinalam todos os estudos críticos realizados sobre ela, transcende a linguagem literária demarcada pelos elementos da narrativa, ligada a fatos e acontecimentos, em busca de recuperar um sentido original, conferindo às palavras um conteúdo inesperado.

Em *O ovo e a galinha*, como acontece em outros contos, não há uma narrativa sequencial; os "acontecimentos" que constituem o enredo não têm relevância, e a personagem é apresentada apenas para ser sujeito das questões que Clarice impõe. A própria narrativa em primeira pessoa, fundindo narrador e personagem, parece incluir também a autora, em sua

solidão, angústia e ânsia de encontrar sentido. No cotidiano abrem-se as perspectivas de descoberta de todo um mundo, a partir de uma forma diferente de olhar: "... *uma súbita revelação interior, que dura um segundo fugaz, como a iluminação instantânea de um farol nas trevas, e que, por isso mesmo, recusa ser apreendida pela palavra.*" (MOISÉS, apud SÁ, 1993: 47)

Para Clarice, o ovo não pode ser percebido apenas como um objeto sobre a mesa mas, em sua busca na linguagem, ele surge como o objeto de indagação, que a levará ao questionamento da existência, do Ser, do objetivo da vida, dos comportamentos humanos, e da própria linguagem.

"*Ver o ovo é impossível*" (1), porque estamos por demais adaptados, inseridos no cotidiano, o centro do mundo moderno é um simulacro, espaço da ambigüidade que nos impede de enxergar a essência das coisas. A tecnologia, a mídia, a massificação da cultura, a informação globalizada produzem a intersecção de estranhamento e familiaridade, distância e proximidade, que rege as sociedades modernas, deslocando o sentido e, portanto, ele tem que ser procurado em outro lugar, isto é, descentrado.

O mundo humano é constituído pela linguagem, pois é através da nomeação que podemos aproximar as coisas de nós. No entanto, o uso excessivo das palavras esvazia a linguagem de sentido, é preciso procurá-lo no silêncio: "... *caminhei de leve para não entornar o silêncio do ovo*" (OG, p.57). No silêncio está a essência, o que existe para além de nossa linguagem: "*O que eu não sei do ovo é o que realmente importa. O que eu não sei do ovo me dá o ovo propriamente dito.*" (OG, p.58) A linguagem humana, referencial, não é dado conhecer o ovo, este só é visto pelas máquinas, que não têm essa linguagem: "*Só as máquinas vêem o ovo.*" (OG, p.57) O ovo é o mistério, a possibilidade de transcendência do sentido, a essência da vida, enquanto a galinha, ser comum, sem valor distintivo, presente com essa conotação em vários outros escritos da autora, é a possibilidade de apreensão daquilo que é sensível, o que pode ser captado mesmo pela linguagem. A galinha não tem importância em si mesma, mas importa enquanto depositária do ovo: "*Mas para a galinha não há jeito: está na sua condição não servir a si própria. Sendo, porém, o seu destino mais importante que ela, e sendo o seu destino o ovo, a sua vida pessoal não nos interessa.*" (OG, p.61) A galinha, ente/ agente que possibilita a existência do ovo, não deve saber de sua essência: "*E eis que não entendo o ovo*" (OG, p.62), mas entrega-se para que este possa viver em si: "... *meu trabalho é o de viver os meus prazeres e as minhas dores. É necessário que eu tenha a modéstia de viver.*" (OG, p.62)

A sobrevivência da galinha depende da negação da existência do ovo, pois a intuição da subjetividade pode motivar a perda da individualidade, da estabilidade assegurada pela familiaridade do cotidiano e pela proteção das formas habituais da linguagem. É preciso viver o cotidiano, como se não houvesse a consciência do ovo, da essência, do espírito enquanto totalidade reveladora da existência. No entanto, essa consciência, embora desapercibida em meio aos afazeres diários, aflora em alguns momentos e então gera dor. Dor de se saber agente e precisar omitir, esquecer, manter-se nas atividades cotidianas, para que o ovo seja protegido: "*Mas é que ninguém sabe como se sente por dentro aquele cujo emprego consiste em fingir que está traindo, e que termina acreditando na própria traição. Cujo emprego consiste em diariamente esquecer.*" (OG, p.64-5)

Diante dessa dor, faz-se necessária alguma compreensão, "*advinhar vagamente*", o que se dá através do amor. Amor, assim como ovo e galinha, são termos que transitam por toda a escritura de Clarice, e que fazem parte da inquietante busca que ela faz na linguagem. Mas amor, assim como o ovo, não pode ser alcançado pela linguagem comum, pois é essência.

É preciso trabalhar na linguagem, criar a poesia, o desvio, o intervalo de que ela mesma tem consciência.

"Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta. De como entrei naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo, e que é linha sub-reptícia. Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é entre o sentir - nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, e a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio."
(LISPECTOR, GH 1986: 94)

Daí a angústia que permeia toda a obra da escritora. É a angústia de quem sabe que a linguagem é insuficiente para captar o ser, mas que luta para burlar esse fato. Todo o texto "O ovo e a galinha" consiste em definições, da primeira à última palavra, ainda que nenhuma definição consiga alcançar o ser. " 'Falai, falai', insturiram-me eles. E o ovo fica inteiramente protegido por tantas palavras." (OG, p.66) Na verdade, para ela, as palavras ocultam o ser, pois a linguagem comum, referencial, é vazia de sentido. E Fernando Pessoa lhe serve de consolo quando diz que: "Falar é o modo mais simples de nos tornarmos desconhecidos." (LISPECTOR, DM 1992: 139) Clarice traduz a experiência de sentir o transcendente, o que está na zona que a linguagem não alcança. E traduz na linguagem.

"uma vez ou outra, com o coração batendo pelo privilégio, eu pelo menos sei que não estou reconhecendo! com o coração batendo de emoção, eu pelo menos não compreendo! com o coração batendo de confiança, eu pelo menos não sei." (OG, p. 65)

É a entrada nessa zona do intervalo que Heidegger chama de afastar as concepções e enunciados que se interpõem entre nós e a coisa mesma para nos podermos abandonar à sua própria presença imediata, isto é, alcançar o ser. E se as concepções e enunciados são linguagem, e a linguagem não alcança a coisa mesma, Clarice busca-a no silêncio:

"Eu tenho à medida que designo - e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la - e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia e que instantaneamente se revela."

neamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas volto com o indizível. O indizível só me é dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção é que obtenho o que ela não conseguiu."

(LISPECTOR, GH 1986: 172)

Entretanto, no esforço humano da linguagem, que é a nossa única forma de conhecer, funda-se uma nova realidade, mítica, o espaço da poesia, criação do "impossível verossímil", de que fala Aristóteles.

"O poeta nomeia os deuses e todas as coisas naquilo que elas são. Esta nomeação não consiste em prover simplesmente de um nome uma coisa que anteriormente já teria sido bem conhecida; mas, dizendo o essencial, somente então é que o ente se acha por esta nomeação nomeado no que é, e é assim reconhecido como ente. A poesia é a fundação do ser pela palavra."

(HEIDEGGER, apud BEAINI, 1986: 99-100)

Esta, a preocupação de Clarice: dizer o essencial, e no dizer, tentar captar a essência das coisas. A essência, que não é alcançada pelos adjetivos, o neutro, o "anonimato". No entanto, a linguagem referencial necessita dos adjetivos, do dizer-não-dizendo:

"O ovo é branco mesmo. Mas não pode ser chamado de branco. Não porque isso faça mal a ele, mas as pessoas que chamam a ovo de branco, essas pessoas morrem para a vida. Chamar de branco aquilo que é branco pode destruir a humanidade." (OG, p.59)

A reflexão sobre o essencial, então, torna-se exercício de construção de linguagem, "enorme esforço de pôr em linguagem lógica e analítica, vale dizer, com o máximo de racionalização lingüística, um mundo novo e ainda não codificado" (ZAGURY, 1971: 21), a construção da ficção imagética, que prescinde de enredo, foge às formas fixas e ao gênero, reinventando os símbolos, questionando o próprio fazer literário, na tentativa de por "a coisa na coisa".

"Com o tempo, o ovo tornou-se um ovo de galinha. Não o é. Mas, adotado, usá-lhe o sobrenome. - Deve-se dizer 'o ovo da galinha'. Se se disser apenas 'o ovo', esgota-se o assunto, e o mundo fica nu. - Em relação ao ovo, o perigo é que se

*descubra o que se poderia chamar de
beleza, isto é, sua veracidade. A veracidade do ovo não é verossímil."
(OG, p.59)*

A criação literária de Clarice busca então revitalizar a linguagem, libertando as palavras de seu sentido cotidiano, desgastado, e reduzindo-as ao sentido original, à sua própria veracidade. Assim, nomeando, designando, a linguagem poética tem a capacidade de revelar o ser, numa dimensão pré-lógica. Dimensão do simbólico, da imagem, do simulacro enquanto espaço de recriação, de transcendência da própria linguagem.

*"A linguagem, voltada sobre si mesma,
diz o que por natureza parecia escapar-
lhe. O dizer poético diz o indizível."
(PAZ, 1990: 49)*

A linguagem clariceana, embora trabalhada em prosa, é sem dúvida linguagem poética, no sentido de desconstruir o código narrativo, violentar o sentido lógico da frase, alterar a pontuação e sintaxe clássicas, inserir vocábulos inesperados, repetir e, ao mesmo tempo, "enxugar" as frases. Um de seus objetos mais comuns de ficção é a própria linguagem, na busca de sua propriedade reveladora.

Essa reflexão sobre a linguagem encontra eco nas religiões orientais, como o Tao e o Budismo zen, que pregam a "*doutrina sem palavras*", pois afirmam que a natureza da linguagem não lhe permite exprimir o absoluto.

A experiência do Tao, então, busca o retorno ao silêncio, "*reino das evidências*", no intuito de alcançar uma espécie de consciência elementar ou original, que no ocidente denominamos pré-socrática, mítica, "*lugar onde os nomes e as coisas se fundem e são a mesma coisa: a poesia, reino onde nomear é ser.*" (PAZ, 1990: 44)

A criação imagética, assim, remete ao mito, já indiciado no início do texto pela estrutura temporal, que foge da causalidade seqüencial: "*mal vejo um ovo e já se torna ter visto um ovo há três milênios.*" (OG, p.57)

A poesia, como espaço de recriação da realidade, equivale ao gesto cosmogônico presente no mito.

A concepção mítica supõe que "*o nome e a essência se correspondem em uma relação intimamente necessária, que o nome não só designa mas também é esse mesmo ser, e que contém em si a força do ser.*" (CASSIRER, 1985: 17) O mito é condicionado e mediado pela linguagem, no sentido que ela gera e partilha seu próprio mundo significativo.

Clarice, ao tentar definir o ovo, recorre a estruturas que permitem remeter ao elemento mítico, à revelação do essencial: "*No próprio instante de se ver o ovo ele é a lembrança de um ovo. - Só vê o ovo quem já o tiver visto. - Ao ver o ovo é tarde demais: ovo visto, ovo perdido.*"

Também está presente no mesmo parágrafo uma alusão à consciência pré-lógica, anterior ao pensamento: "*Ver o ovo é a promessa de um dia chegar a ver o ovo. - Olhar curto e indivisível; se é que há pensamento; não há; há o ovo.*" (OG, p.57) O pensamento, quando surge, é rejeitado pois não permite "ver" o ovo, e pode levar ao equívoco:

"Tomo o maior cuidado de não entendê-lo. Sendo impossível entendê-lo, sei que se eu o entender é porque estou errando. Entender é a prova do erro. Entendê-lo não é o modo de vê-lo. - Jamais pensar no ovo é um modo de tê-lo visto. - Será que sei do ovo? É quase certo que sei. Assim: existo, logo sei. - O que eu não sei do ovo é que realmente importa. O que eu não sei do ovo me dá o ovo propriamente dito."
(OG, p. 58)

A inversão do *cogito* cartesiano, além de exemplo do rompimento com o código estabelecido, é mais uma forma de buscar a essência dos elementos, eliminando tudo o que se interpõe entre os sentidos e as coisas mesmas. O jogo de Clarice consiste em criar uma realidade onde isso é possível, e o ovo torna-se mítico.

Chevalier e Gheerbrant, em seu *Dicionário de símbolos*, referenciam uma série de significados atribuídos ao ovo em diversas culturas:

"O ovo, considerado como aquele que contém o germe e a partir do qual se desenvolverá a manifestação, é um símbolo universal e explica-se por si mesmo. (...) Esse simbolismo geral, que liga o ovo à gênese do mundo e à sua diferenciação progressiva, (...) a palavra é do gênero feminino em egípcio - sairá um deus que organizará o caos, fazendo nascer os seres diferenciados. (...) Na estrutura de todas essas cosmogonias, o ovo desempenha o papel de uma imagem - clichê da totalidade. Mas ele surge, em geral, depois do caos, como um primeiro princípio de organização. A totalidade das diferenças provém dele, e não o magma indiferenciado das origens. (...) na sua totalidade única, comporta todas as múltiplas virtualidades. (...) O ovo aparece igualmente como um dos símbolos da renovação periódica da natureza ... O ovo confirma e promove a ressurreição que não é um nascimento, mas um retorno, uma repetição." (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1990: 672-674)

Em *O ovo e a galinha*, podemos identificar o ovo ao simbolismo cosmogônico. A figura do ovo é recorrente na obra da autora, remetendo à questão da origem, como também da totalidade e da reexperiência da vida.

O texto, embora delimite diferentemente ovo e amor, remete à leitura da cosmogonia órfica, onde

"o Caos e Nix (a Noite) estão na origem do mundo: Nix põe um ovo de que nasce Eros (o Amor), enquanto Urano (o Céu) e Géia (a Terra) se formam das duas metades da casca partida. (...) Para Platão, no Banquete, pelos lábios da sacerdotisa Diotima, Eros é um demônio, quer dizer, um intermediário entre os deuses e os homens e, como o deus do Amor está a meia distância entre uns e outros, ele preenche o vazio, tornando-se, assim, o elo que une o Todo a si mesmo" (BRANDÃO, 1989: 187)

O ovo então, como fluxo de energia, que organizará o caos e que comporta todas as múltiplas virtualidades, todos os "outros", gera amor, que *"de um ponto de vista cósmico, após a explosão do ser em múltiplos seres, é a força que dirige o retorno à unidade: é a reintegração do universo, marcada pela passagem da unidade inconsciente do caos primitivo à unidade consciente da ordem definitiva."* (CHEVALIER & GHEERBRANT, op cit: 46) Eros, como intermediário, tem a função de interpretar, de transmitir: nesse sentido, pode-se dizer que ele também é linguagem.

Em Freud, Eros é assimilado à pulsão de prazer, assim como Thânatos à pulsão de morte. A teoria das pulsões trabalha também com os conceitos de energia livre e ligada. A energia "livre", inconsciente, provém tanto do mundo exterior quanto dos movimentos pulsionais internos, e é elaborada pelo pré-consciente, tornando-se energia "ligada", consciente.

A pulsão é uma entidade limítrofe entre o psíquico e o orgânico, e sua finalidade é a descarga do *quantum* de energia, que visa reproduzir o estado anterior ao surgimento da elevação da tensão.

Aqui pode-se assimilar o conceito freudiano de Eros a algumas noções do amor em Clarice e sobretudo à sua linguagem. Em *O ovo e a galinha*, por exemplo, e pode-se citar também o conto *Amor*, a narrativa inicia-se pelo estado de quietude e segurança gerados pelo fazer cotidiano. A quietude é perturbada pela irrupção da vida, e os textos terminam com o retorno das personagens à quietude inicial, em que a revelação torna-se esquecida, latente.

Nesse sentido, Freud assemelha o retorno à quietude ao retorno à não vida, e a pulsão é um esforço para atingir a morte. Em *O ovo e a galinha*, Clarice reconhece a necessidade do *"estado de galinha"*, da negação da vida, do esquecimento da subjetividade e do retorno à segurança cotidiana:

"Ser uma galinha é a sobrevivência da galinha. Sobreviver é a salvação. Pois parece que viver não existe. Viver leva à morte. Então o que a galinha faz é estar permanentemente sobrevivendo. Sobreviver chama-se manter luta contra a vida que é mortal." (OG, p. 60)

No entanto, sobreviver não é viver completamente, e é necessário viver, ainda que por instantes. E a vida está na galinha sob a forma do ovo, que é seu "mal desconhecido". (OG, p. 60)

Na galinha assegura-se a perpetuação do ovo, da vida. E a conservação da vida, o retorno, que renova periodicamente a natureza, é realizada pela pulsão de prazer e de vida, Eros, o amor:

"Dado que todo organismo procura perseverar em seu ser, esta tenacidade só pode indicar que cada ser vivo se encaminha à sua própria maneira para a morte. Eros, então, fugiria à tendência universal à repetição? Nada mais falso: uma vez surgida, a vida tende também a se repetir, e a função de Eros é assegurar a reiteração indefinida do ciclo vital, protegendo da tendência regressiva as células protetoras do plasma germinativo, até que cumprida a finalidade reprodutora, e destacado do soma o germe que vai assegurar a perseveração da espécie, aquelas possam sucumbir à pulsão de morte sem maior dano para a Natureza." (MEZAN, 1986: 443)

Assim é o amor definido por Clarice em *O ovo e a galinha*. Amor que liberta, baseado no aprendizado. É "adivinhar vagamente", é a ânsia de ajudar o eu próprio autêntico a realizar-se, como o apresenta Platão, e gera vida. Os que amam "somos os que se abstém de destruir, e nisso se consomem." (OG, p. 62). O desejo do encontro com o amor se traduz em reflexões acerca desse sentimento:

"Amor é quando é concedido participar um pouco mais. Poucos querem o amor, porque amor é a grande desilusão de tudo o mais. E poucos suportam perder todas as outras ilusões. Há os que se voluntariam para o amor, pensando que o amor enriquecerá a vida pessoal. É o contrário: amor é finalmente a pobreza. Amor é não ter. Inclusive amor é a desilusão do que se pensava que era amor. E não é prêmio, por isso não envaidece, amor não é prêmio, é uma condição concedida exclusivamente para aqueles que, sem ele, corromperiam o ovo com a dor pessoal. Isso não faz do amor uma excessão honrosa; ele é exatamente concedido aos maus agentes, àqueles que atrapalhariam tudo se não lhes fosse permitido adivinhar vagamente." (OG, p. 62-3)

O conhecimento do amor é condição concedida como forma de manutenção da vida pelos "agentes", e contrapõe-se ao amor passional, ao desejo de posse, à escravização do outro, que fere e destrói. Ao contrário, amor é a pobreza, é a libertação do outro; e, sendo ponto de combustão da vida, é doloroso, como a vida é dolorosa.

Em outros contos, Clarice alerta para os perigos do amor enquanto apropriação, "o que se pensava que era amor". Em *A menor mulher do mundo*, há uma reflexão sobre a forma como a sociedade moderna ama, ou finge que ama, através do sentimento destrutivo de posse pelo desconhecido, uma anã de quarenta e cinco centímetros, encontrada no coração da África equatorial:

"E considerou a cruel necessidade de amar. Considerou a malignidade de nosso desejo de ser feliz. Considerou a ferocidade com que queremos brincar. E o número de vezes em que mataremos por amor. Então olhou para o filho esperto como se olhasse para um perigoso estranho. E teve horror da própria alma que, mais que seu corpo, havia engendrado aquele ser apto à vida e à felicidade." (LISPECTOR, LF 1983: 81)

E a reflexão sobre o amor estende-se a outros sentimentos que julgamos relacionados a ele, questionando-lhes a autenticidade:

"Em outro apartamento uma senhora teve tal perversa ternura pela pequenez da mulher africana que - sendo tão melhor prevenir que remediar - jamais se deveria deixar Pequena Flor sozinha com a ternura da senhora. Quem sabe a que escuridão de amor pode chegar o carinho. A senhora passou um dia perturbada, dir-se-ia tomada pela saudade. Aliás era primavera, uma bondade perigosa estava no ar." (LISPECTOR, LF 1983: 80)

No conto *A legião estrangeira*, a angústia da narradora-personagem se dá diante do "coração pesado de um amor que já não era mais livre" (LISPECTOR, LE 1992: 122), e por não saber *como* é o amor. E ela se lembra de Ofélia, a menina a quem pela primeira vez foi dado "o tormento da liberdade" (id., p. 132), que sufocou um pinto e matou-o por amor, pelo desejo de posse, de que o valor do outro fosse destruído, para que se tornasse parte dela. Mas ainda nesse conto, a autora coloca a necessidade de amar, de aprender a servir ao amor:

"Oh, não se assuste muito! às vezes a gente mata por amor, mas juro que um dia a gente esquece, juro! a gente não ama bem, ouça, repeti como se pudesse alcançá-la antes que, desistindo de ser-

vir ao verdadeiro, ela fosse altivamente servir ao nada. Eu que não me lembrara de lhe avisar que sem o medo havia o mundo." (id., p. 135)

A atitude da sociedade *civilizada* em relação ao amor é equivocada, pois não se está a serviço do amor, "o verdadeiro", há sim, o desejo de ser servidos pelo amor, que ele traga a segurança e o bem estar sem que tenhamos que nos sacrificar. E a sociedade usa de suas instituições como subterfúgios para encobrir isso, o não-amor dos indivíduos:

"Para os que sucumbem e se tornam individuais é que existem as instituições, a caridade, a compreensão que não discrimina motivos, a nossa vida humana enfim." (OG, p. 64)

É preciso então superar a condição de indivíduo, para realizar o "trabalho cósmico" que há a ser feito. É preciso que o amor seja ponte, caminho que leve à comunhão perfeita com a alteridade, o *outro* (também preocupação constante de Clarice), gerando crescimento e vida. O amor é essa condição que nos permite penetrar o interdito, a sutil fenda que separa indivíduo e sujeito, eu nomeado e diferenciado, e eu enquanto parte do cosmos, energia. Mas "eu é apenas uma das palavras que se desenha enquanto se atende ao telefone, mera tentativa de buscar a forma mais adequada." (OG, p. 61-2)

E o esquecimento do "eu", das tarefas cotidianas, é que se dá o encontro, no conto chamado *AMOR*. Amor é o empenho em estabelecer a unidade com o outro. Assim, a escritura de Clarice traduz o cumprimento do ciclo vital, a possibilidade da reexperiência, a saída do cotidiano individual imposto pela sociedade moderna para que se possa vivenciar a comunhão com o cosmos, o caos que inquieta o indivíduo.

Essa reexperiência a escritura de Clarice também busca, um encontro com a essência. E seu instrumento de amor pelo outro, leitor, é a linguagem, "a experiência maior":

"Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu." (LISPECTOR, PNE 1992: 32)

Na tentativa de alcançar a essência e a comunhão com o outro através da linguagem, Clarice recorre à busca de suas formas "limpas", reduzindo-a ao essencial, para que o ovo não fique escondido pelas palavras vãs, e as palavras tornem a ter sentido. Sua experiência de escritura se avizinha à vida, isto é, tem "a humildade e a coragem do improvisado, da falta de construção," é "mergulho na matéria da palavra". (WALDMAN, 1993: 84) E o enfrentamento do risco de escrever é sua maior prova de amor.

Novamente, podemos comparar sua forma/conteúdo a Eros, que também é apresentado por Diotima concebido pela união de *Póros* (Expediente) e de *Penia* (Pobreza).

"Em face desse parentesco tão dispar, Eros tem caracteres bem definidos e significativos: sempre em busca de seu objeto, como Pobreza e 'carência', sabe, todavia, arquitetar um plano, como Expediente, para atingir o objetivo, a 'plenitude'. Assim, longe de ser um deus todo-poderoso, Eros é uma força, uma 'energia', perpetuamente insatisfeito e inquieto: uma carência sempre em busca de uma plenitude. Um sujeito em busca do objeto." (BRANDÃO, op cit: 187)

Esta a sensação que nos passa o texto de Clarice: de uma linguagem cheia de sentido, que, se não alcança a plenitude através das palavras, busca-a no interdito, e entre suas linhas podemos perceber a prova de seu desejo, como o diz Barthes:

"O texto que o senhor escreve tem de me dar a prova de que ele me deseja. Essa prova existe: é a escritura. A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem, seu kama-sutra (desta ciência, só há um tratado: a própria escritura)."
(BARTHES, 1973: 11)

O amor em Clarice traduz-se na matéria que ela usa para falar: o seu é um discurso que podemos chamar de "*discurso amoroso*".

NOTAS

- 1 O texto "*O ovo e a galinha*" faz parte do livro *A legião estrangeira*, e será referenciado aqui pela sigla OG, seguida da página que ocupa no livro. (OG, p. 57)
- 2 Outros textos da autora serão referenciados por siglas, seguidas da data de publicação:
LE - *A legião estrangeira*, 1992.
LF - *Laços de família*, 1983.
GH - *A paixão segundo G.H.*, 1986.
DM - *A descoberta do mundo*, 1992.
PNE - *Para não esquecer*, 1992.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Cleusa T. Suiter. Existencialismo e visão existencial no conto "O ovo e a galinha" de Clarice Lispector. *Travessia*. Revista do Curso de Pós-graduação em Literatura Brasileira. Florianópolis: UFSC, n. 1 p. 5- 12, 1980.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BEAINI, Thais Curi. *Heidegger: arte como cultivo do inaparente*. São Paulo: EDUSP, 1986.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1989. Vol. I
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

- CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1985. cap. 1, p. 15 - 31: A linguagem e o mito: sua posição na cultura humana.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obras psicológicas completas, v.XVIII)
- _____. **O Ego e o Id**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obras psicológicas completas, v. XIX)
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.
- JOSEF, Bella. Clarice Lispector: a angústia existencial. **Convivência**. Rio de Janeiro: Pen Clube do Brasil, n. 5, p. 21 - 30. 1979/80.
- LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. 12. ed. São Paulo: Siciliano, 1992.
- _____. **Laços de família**. 13. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- _____. **A paixão segundo G.H.** 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____. **A descoberta do mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- _____. **Para não esquecer**. 4. ed. São Paulo: Siciliano, 1992.
- MEZAN, Renato. **Freud, pensador da cultura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. **O dorso do tigre**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. A paixão de Clarice Lispector. In: CARDOSO, Sérgio et alii. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 269 - 281.
- PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990. cap. 2, p. 37 - 50: A imagem.
- PESSANHA, José Américo Motta. Platão: as várias faces do amor. In: CARDOSO, Sérgio et alii. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 77 - 103.
- PONTIERI, Regina. Os tantos outros que sou - Clarice Lispector e a experiência da alteridade. **Revista de Cultura**. São Paulo: Vozes, v.88, n.4, p.26 - 30, jul.-ago. 1994.
- REMATE DE MALES. Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: UNICAMP, n. 9, 1989.
- SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- WALDMAN, Berta. **Clarice Lispector: a paixão segundo C. L.** 2. ed. São Paulo: Escuta, 1993.
- ZAGURY, Eliane. **A palavra e os ecos**. Petrópolis: Vozes, 1971. cap. 2, p. 20 - 27: Clarice Lispector e o conto psicológico brasileiro.